

MANTENDO O ROMANTISMO NO CASAMENTO

Preparado pelo Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho, para os casais da IB do Cambuí, em 12.6.4

Quando era aluno do Seminário do Sul, no bacharelado em Teologia, havia uma disciplina chamada Cristianismo e Cultura Contemporânea. Ela rendeu uma atividade que foi assistir ao filme mais comentado na época, e que arrastava multidões aos cinemas: *Love Story*, ou “Uma história de amor”. Discutindo-o com um dos bons e inesquecíveis colegas de turma, José César Monteiro de Queiroz, fez ele um comentário que, passados 34 anos, não esqueci: “O sucesso do filme é que ele fala de romance. Ninguém vive sem romance”. O problema de muitos casamentos é que o romance acabou.

Na mentalidade de muitas pessoas, o esquema de relacionamento de um casal é este: namoro é melosidade e agarramento; noivado é planejamento e troca de idéias; casamento é realidade e desencanto. Será este esquema correto? O romance deve acabar no casamento?

1. DEFININDO TERMOS

O que é romantismo? De que falamos? Perambularei por uma de minhas paixões, a Literatura. Na Literatura, o romantismo precede, como época e como estilo, ao realismo. No romantismo, o estilo é sentimental. No realismo surgem a melancolia e o tédio. No romantismo português, por exemplo, está lá meu parente, Joaquim Guilherme Gomes Coelho, conhecido como D. Júlio Diniz. Autor de “As pupilas do senhor reitor”, ele representa bem este período. É romântico, terno, e em suas obras se preocupa com o casamento. Sucede-o o realismo, do qual o maior representante português é Antero de Quental, tido como o maior poeta luso depois de Camões. Ele não se preocupa com o amor, mas com a descrença na vida, nas pessoas, com o tédio, com a frustração. Alguns casamentos saíram da égide de D. Júlio Diniz para a de Antero de Quental. São melancólicos, frustrantes e de pessoas frustradas. O romantismo, aquela sensação de ternura, de preocupação com o outro deixou de existir e cedeu lugar para “o salvo-me se puder”.

Como é possível um casamento andar em tempo e em romance? Como proceder para que os anos não esmaçam a alegria da comunhão conjugal, da felicidade em desfrutar da companhia do outro, em não deixar o namoro terminar? Atrevo-me a alinhar sugestões. Não são livrescas. Não as encontrei em livros ou em arquivos baixados da Internet. São minhas. Vivencio-as em 32 anos e meio de casamento com Meacir Carolina. Quando começamos o namoro, o então seminarista e hoje Pr. Clóvis Pereira, filho do saudoso Pr. Reis Pereira, que fez meu casamento, me disse: “Ela vai te bater”. Como ela nunca me bateu, deu certo. Posso apresentar esta palestra. Eis as sugestões.

2. TENHA VONTADE DE MANTER O ROMANTISMO

Pode parecer acaciano, isto é, ser óbvio como as declarações do Conselheiro Acácio, personagem de Eça de Queiroz. Mas é o primeiro passo. Um bom casamento não acontece por acaso. Por vezes super-espiritualizamos a questão com algumas declarações que me soam equivocadas, tais como “os casamentos são escolhidos por Deus”. Amo e sirvo a Deus, creio nele de todo o coração, mas ele não faz casamentos no céu. Fazemo-los nós, aqui na terra. Dão certos ou errados não porque Deus assim decidiu, mas porque de uma maneira ou de outra contribuimos para um dos dois resultados. Os casamentos são feitos aqui na terra, por nós, e alimentados todos os dias. Nós os nutrimos bem ou os envenenamos.

Assim é que mantemos o romantismo ou o matamos, se o deixamos de alimentar. Alguns se sentem constrangidos e acham que isso é coisa de namorados, não de casais. Num casamento o namoro nunca deve deixar de existir. Para isto é preciso querer e não ter vergonha de mostrá-lo. Não é sinal de fragilidade emocional nem de gente que ficou velha e continua boba (porque o namoro deixa as pessoas meio bobas). Se um casal andar abraçado e se tratar ternamente é serem

bobos os dois, lá em casa nós o somos. Passamos atestado disto e não nos envergonhamos. Porque quisemos assim. Cada casal deve querer manter o romantismo. Quando isto acontece, o casamento não esmaece, mas melhora a cada ano. É melhor aos 32 do que no primeiro ano de casado. Tem razão o autor de Eclesiastes: “Melhor é o fim duma coisa do que o princípio” (Ec 7.5). Um casamento romântico vai ficando melhor no fim. E só a morte põe-lhe fim.

3. SAIBA MANIFESTAR O ROMANTISMO

O romantismo se manifesta em pequenos gestos, não em declarações grandiloquentes, que podem ser retóricas. Por exemplo, não esqueça as datas significativas para o casal. Uma senhora se queixou de que o marido se esquecera da data do casamento dos dois. Quando lhe falou isto, ele respondeu: “Bem que eu gostaria de esquecer”. Que lamentável! Comemore o aniversário de casamento, o aniversário de noivado e o de namoro. Homem, nunca se esqueça de abrir a porta do carro para sua esposa entrar! Mulher, que tal fazer aquele prato de que ele gosta? Mesmo que ele esteja acima do peso e que o prato engorde, dê-lhe esta satisfação! E a música predileta dos dois, aquela que diz respeito a momentos especiais? Ouçam-na juntos!

Você viajou? Traga uma pequena lembrança do lugar aonde foi. Desta maneira foi que ganhei minha ratinha topolino, Karen Horney, que faleceu no ano passado. Lembranças que unem o casal sempre são bem-vindas. Ficam para sempre. Nunca me esqueci quando tomávamos uma sopa de macarrão de letrinhas. Meacir estava ajuntando algumas letras na borda do prato. Perguntei-lhe: “O que você está fazendo?”. Ela respondeu: “Escrevendo seu nome!”. Estas coisas ficam. Como deixar de tratar com ternura uma pessoa que nos mostra gestos ternos? O romantismo tem uma poderosa capacidade de desencadear gestos românticos de outra parte. Lembrando o Cesinha (assim era chamado o colega seminarista): “Ninguém vive sem romance”. E quem é tratado de maneira romântica retribui da mesma maneira.

4. RESERVEM TEMPO PARA VOCÊS

Por vezes, os filhos atrapalham a vida do casal. Explico-me. Não que sejam estorvo, mas porque demandam muito tempo de atenção e esgotam a agenda do casal. Mas quando isto acontece, não é culpa dos filhos, e sim da postura do casal. É verdade que muitas mães são alugadas pelos filhos. Como se ouve aquele grito: “Ô mãnhê!”! E os pais se vêem às voltas com contas e administração do lar. Assim, o casal acaba não tendo tempo para si.

No tópico 2 falei de ter vontade de ser romântico. Neste falo de viabilizar a vontade, de decidir-se a ser romântico. Acostumem-se a sair os dois juntos. Sem os filhos. É o tempo de vocês. No início quando fazíamos isto, os filhos, ele, adolescente, e ela, menina, diziam: “Queremos ir com vocês”. E dizíamos: “Está bem, quando vocês saírem com namorados queremos sair juntos”. Enfrentamos juntos algumas crises e as vencemos porque criamos um vínculo muito forte entre nós.

Talvez vocês digam: “Não temos dinheiro!”. Não importa. Saíam. Vão ao *shopping*. Há seis em Campinas! Compre um refrigerante, sentem-se na praça da alimentação e fiquem reparando os outros. “Puxa, veja que elegância!” ou “Puxa, aquela ali é mais mal vestida que a Adriane Galisteu!”. Isto não custa nada! Alguém dirá: “O pastor está ensinando a ser fofoqueiro!”. Obviamente que isto é uma brincadeira, mas quero mostrar que não é preciso gastar muito para andar juntos e criar uma cumplicidade no relacionamento.

5. APRENDAM A VALORIZAR O OUTRO

Alguns cônjuges só vêem defeitos no parceiro. Se um cônjuge é tão bom assim e outra parte é tão ruim, esta parte muito boa deve reconhecer pelo menos uma virtude na outra: soube escolher bem. Valorize a pessoa com quem você se casou.

Evite o que chamo de “complexo de Tucídides”. Dyonisius Halicarnassensis, escritor grego, considerava Tucídides inferior a Heródoto, como historiador. Tucídides, segundo ele, manifestou “uma amarga e ressentida atitude em relação à sua pátria, por tê-lo enviado ao exílio. Assim ele, enumera cuidadosamente todos os erros dela, mas quando ela age direito ele ignora completamente ou apenas o menciona com evidente relutância”. Há pessoas com memória rápida para relembra os passos errados e ver os defeitos do cônjuge, mas relutantes em ver os seus pontos positivos. Aprenda a esquecer os momentos negativos e valorize os bons momentos. Não cultive amargura! Lembre-se de Hebreus 12.15: “tendo cuidado de que ninguém se prive da graça de Deus, e de que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe, e por ela muitos se contaminem”. Isto se aplica também ao relacionamento conjugal.

Quando se valorizam os pontos positivos da outra parte dá-se-lhe respeito. Uma pessoa que sente respeitada se sente bem e tem capacidade de tratar bem. Isto não significa fechar os olhos para o erro. Significa não colocar o negativo acima do positivo nem se central exclusivamente no negativo. Afinal de contas, se seu cônjuge só tem defeitos, você também tem um: não sabe escolher. Então, agüente. E ajude-o, amando-o.

6. ENVELHEÇAM JUNTOS, MAS NÃO SE FOSSILIZEM

Devem se lembrar de uma propaganda da cerveja Kaiser. Um pangaré, na hora de casar e jurar amar a esposa para sempre, quer saber se ela vai ficar gostosa para sempre. Ante o espanto geral, pede calma e dá sua explicação. Aponta para a mãe da noiva e diz: “A mãe, por exemplo, virou um bucho”. O marido da apontada como bucho começa a rir e dela recebe uma cotovelada. Mas de quê se ri ele? Ele não é nenhum Adônis. Mantendo a linha de raciocínio, também é um bucho. As mulheres envelhecem. Mas seus maridos também. Para piorar, alguns ficam barrigudos e carecas. Pelo menos as mulheres conservam os cabelos...

Poucas coisas são tão ridículas como um homem maduro querendo passar por garotão. E uma mulher madura querer passar por menininha. Como disse Simone de Beauvoir, “envelhecer é uma arte que carece de dignidade”. Ninguém deve se envergonhar de ter a idade que tem. Os anos vêm naturalmente. Assumamo-los, mas não nos fossilizemos. Isto não significa querer passar por moderninhos. Pessoalmente já passei da fase de andar com bermuda no meio da canela e, ao mesmo tempo, com casaco de frio, tênis encardido nos pés, boné virado para trás e com ginga meio simiesca.

Mas uma coisa triste é gente que desiste de viver, que abre mão de seu direito de mostrar ternura. Gente que se fossiliza. Não sejam assim. Por não se fossilizar quero dizer não abram mão de seu direito de andar abraçados na rua, de caminhar de mãos dadas. “Já passamos desta idade!”. Não passaram. Ninguém passou. Não morreram nem são fósseis. Caminhem rindo, namorem, mostrem que são um do outro e que vivem um para o outro.

7. DIMENSIONEM E MINIMIZEM

Aprendam a dimensionar bem os momentos agradáveis que vocês passaram juntos. E minimizem os maus. Não permitam que as más lembranças dominem suas emoções. Muitos casais têm momentos agradáveis que nunca cimentam suas relações, mas permitem que momentos desagradáveis sejam sempre os balizadores de seu relacionamento. Não estou dizendo que devem adotar o *polyanismo* como estilo de vida (“Furei um olho, que bom que não furei os dois”). Não se trata disto. Trata-se, mais uma vez, de evitar a raiz de amargura, já mencionada anteriormente.

Esqueçam os desacertos, dêem-se uma nova oportunidade (porque não é ao outro cônjuge que a estão dando, mas sim a ambos) e busquem superar os momentos negativos. A Bíblia diz que “o amor cobre uma multidão de pecados” (1Pe 4.8). E também que o amor “tudo sofre, tudo crê,

tudo espera, tudo suporta” (1Co 13.7). No meio da amargura e do ressentimento, o romantismo acaba sendo sufocado. É preciso um ambiente transparente para que ele floresça. Ajude a manter o ambiente iluminado e arejado. Colabore para o romantismo em vez de apenas esperar que seu cônjuge o seja. É responsabilidade e privilégio mútuos e não apenas de um.

CONCLUSÃO

Como sempre, mais coisas poderiam ser ditas. Como sempre, direi a mesma coisa: estas nos são suficientes para pensarmos, e, afinal, não esgotei o assunto, como não poderia mesmo fazê-lo. Mas uma coisa é certa: devemos investir em nossos casamentos, vendo-os sempre como um relacionamento amoroso e não uma sociedade comercial. O que deve manter o casal unido é o amor e não os bens adquiridos. Os filhos não são coisas nem esparadrapo para remendar uma relação machucada. São produtos do amor. E para cultivar um amor que sempre se renova, o romantismo é necessário. E para prestar um tributo ao bom amigo Cesinha, relembro seu conceito: não se pode viver sem romance. Vamos colocar romance em nossos casamentos. Como diz o caipira; “É muito bão”. E é mesmo.